

ROSTOS AMAZÔNICOS

INDÍGENAS KOKAMA E QUILOMBOLAS REUNIDOS NA FESTA DE 133 ANOS, EM DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO, NA COMUNIDADE DO BARRANCO EM MANAUS - AM

Vinicius Alves da Rosa

Professor de Ensino Religioso pela Secretaria Municipal de Educação – SEMED, em Manaus, Quilombola da Comunidade de Morro Alto, RS, Licenciado em Filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco – FSDB, Mestre em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Orcid - 0000000193340941

Rafaela Fonseca da Silva

Pedagoga pelo Centro Universitário do Norte – UNINORTE, Quilombola da Comunidade do Barranco de São Benedito em Manaus, Especialista em Pós-Graduação Lato Sensu em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia pelo Instituto Federal do Amazonas – IFAM, Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia pelo Instituto Federal do Amazonas – IFAM. Orcid - 0000-0002-3867-5308

Rosemary Amanda Lima Alves

Psicóloga clínica, tem experiência em prevenção e intervenção em casos de violência sexual infanto-juvenil e outras violências. Mestra do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Desenvolve pesquisas para prevenção de violências sexuais contra crianças e adolescentes na Amazônia. Orcid. - org/0000-0003-3111-5911

Resumo: Com base nas expressões socioculturais, o presente artigo analisa os aspectos étnicos e espirituais ocorridos nos locais religiosos e suas distintas tradições suscitadas a partir dos ritos indígena e afro-brasileiros. Trata-se de práticas realizadas pelos agentes sociais pertencentes ao quilombo do Barranco de São Benedito, situado na zona Centro-Sul de Manaus, cujo seu reconhecimento oficial foi obtido em 2014. Assim, os dados construídos nesta produção científica versam sobre as conversas informais acessadas por via da observação participante, nas quais as narrativas estão relacionadas à espiritualidade e às crenças culturalmente preservadas pelos grupos étnicos constituídos por quilombolas e o povo Kokama, aqui representado na pessoa da cacica Lutana Ribeiro. Por via dessas narrativas, busca-se compreender as estratégias protagonizadas pelos indígenas e quilombolas, ao participarem das etapas do ritual religioso desenvolvido no interior do quilombo, espaço no qual os agentes sociais expressam suas relações de pertencimento e ligações afetivas. Assim, o eixo interpretativo da presente análise tem como referência histórica a festa de São Benedito; marco que define, pela crença ao Santo, o aspecto da territorialidade do lugar social ocupado desde o final do século XIX. Ao longo do tempo, o fator simbólico expressa notadamente a longevidade da

devoção em honra ao Santo Protetor, objetivando-se como potência simbólica a resistência cultural apresentada ao longo de sua história.

Palavras-chave: Indígenas Kokama; Quilombolas; Festa de São Benedito.

Abstract: Based on socio-cultural expressions, this article analyzes the ethnic and spiritual aspects of religious sites and their distinct traditions based on indigenous and Afro-Brazilian rites. These are practices carried out by social agents belonging to the quilombo of Barranco de São Benedito, located in the central-southern area of Manaus, whose official recognition was obtained in 2014. Thus, the data constructed in this scientific production deals with informal conversations accessed through participant observation, in which the narratives are related to the spirituality and culturally preserved beliefs of the ethnic groups made up of quilombolas and the Kokama people, represented here in the person of cacica Lutana Ribeiro. Through these narratives, the aim is to understand the strategies used by the indigenous and quilombola people to participate in the stages of the religious ritual carried out inside the quilombo, a space in which the social agents express their relationships of belonging and affective ties. Thus, the interpretative axis of this analysis has as its historical reference the feast of São Benedito; a milestone that defines, through belief in the Saint, the territorial aspect of the social place occupied since the end of the 19th century. Over time, the symbolic factor notably expresses the longevity of devotion in honor of the patron saint, with the symbolic power of the cultural resistance presented throughout their history.

Keywords: Kokama Indians; Quilombolas; São Benedito Festival.

INTRODUÇÃO

Em Manaus, capital do Amazonas, a festa de São Benedito é realizada no bairro Praça 14 de Janeiro. Ela iniciou no final do século XIX, mais especificamente a partir de 1890. Com a construção de um barracão, onde havia danças, músicas, além da fé dos devotos em seu Santo Padroeiro, a exemplo de eventos carregados de expressão da cultura religiosa anteriormente praticada no Estado do Maranhão. Ao longo de décadas, conforme é narrado pelos moradores da comunidade, e de acordo com as pesquisas científicas já realizadas, constata-se a resistência da Igreja Católica Nossa Senhora de Fátima, localizada no bairro, quanto a permitir que a procissão adentrasse o interior da igreja para realizar o festejo.

No entanto, com a chegada dos padres Palotinos em Manaus, na década de 1970, vindos do sul do Brasil, possibilitou mudanças, redimensionando-se a estrutura administrativa da paróquia. A partir de então, a imagem de São Benedito foi aceita e a procissão manteve os seus ritos. Ou seja, a igreja católica situada no bairro Praça 14 de Janeiro permitiu que os fiéis adentrassem ao templo, carregando o andor de seu santo padroeiro.

Atualmente, há certo consenso estabelecido entre os quilombolas e a diretoria da igreja. Todavia, os conflitos religiosos são questionados pelos quilombolas da comunidade do Barranco, quando, ainda hoje, afirmam não entender o porquê de a igreja local não ter recebido o nome do seu Santo Padroeiro, mas o de Nossa Senhora de Fátima. Apesar de o templo católico ter sido construído muitas décadas após a chegada da comunidade negra no bairro, onde, aliás, já havia na comunidade a festa em honra a São Benedito.

Não obstante, o recorte histórico-temporal empregado no presente trabalho, descreve o ritual religioso realizado em 2023, haja vista o ineditismo presente em razão da ajuda dos indígenas da etnia kokama, juntamente com os quilombolas da comunidade do Barranco, para conseguirem o mastro dos festejos realizados em alusão à comemoração dos 133 anos de festa em homenagem a São Benedito. Convém lembrar que, em decorrência da Pandemia da Covid-19 em 2020 e 2021, os quilombolas não realizaram os festejos a São Benedito. Embora tenham enviado, aos familiares e devotos, a gravação da novena através de *WhatsApp*, que foi realizada em suas casas. Em 2022, entre alguns quilombolas, foi possível realizar a novena *online*, obedecendo-se aos critérios do distanciamento social.

Assim, em face do objetivo acima proposto, este artigo acadêmico está organizado em duas partes: a primeira seção expõe fatos a respeito da aproximação entre os indígenas Kokama e os quilombolas da Comunidade do Barranco; e a segunda parte versa sobre as manifestações religiosas ocorridas ao longo da Festa de 133 anos em devoção a São Benedito, na Comunidade do Barranco em Manaus-AM, consoante as reflexões delineadas a seguir.

A APROXIMAÇÃO ENTRE OS INDÍGENAS KOKAMA E OS QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DO BARRANCO

Em Manaus, no Bairro Praça 14 de Janeiro, o Quilombo Urbano do Barranco São Benedito realiza há mais de cem anos o tradicional festejo de seu

Santo Padroeiro, São Benedito. Com uma programação diversificada, que vai desde a organização de onde retirar o mastro, as novenas, até a retirada da árvore da mata que tem um significado especial para as famílias do referido quilombo. Sendo uma oportunidade de expressar publicamente o ritual de afirmação religiosa, findando com a derruba do mastro votivo.

A comunidade no ano de 2023 cogitou a possibilidade de não ter a presença do mastro, por falta de disponibilidade da árvore, o que ocasionou uma comoção entre as pessoas, uma vez que já é tradição tê-lo durante o festejo. Ciente da situação, as pesquisadoras Rosemary Alves e Raniele Alana, que são envolvidas tanto na pesquisa indígena quanto na quilombola, tiveram a oportunidade de serem porta-vozes nesse primeiro diálogo junto à Comunidade indígena. Buscou-se, neste sentido, realizar uma intervenção de aproximação entre as comunidades, por entenderem a importância que ambas as comunidades se conhecessem e pudessem entender a luta que os unia apesar de estarem em territórios diferentes em costumes e tradições que ambas passaram, no decorrer dos tempos, por situações semelhantes de discriminação, racismo e invisibilidade social. A comunidade Parque das Tribos, situada no bairro Tarumã, na Zona Oeste de Manaus, emerge como um espaço de resistência indígena urbana em uma cidade que abriga o maior número de indígenas em área urbana do Brasil, com 71.691 habitantes autodeclarados, segundo o IBGE. Esse bairro indígena é um exemplo de como as lutas por território e dignidade encontram uma forma única de expressão na Amazônia urbana, onde o cotidiano de seus moradores mescla tradições culturais e desafios comuns a muitos habitantes da periferia.

Os traços indígenas dos moradores do Parque das Tribos carregam histórias de luta e simbolizam a resistência histórica de diferentes etnias em busca de seus direitos. Esse contexto se reflete na infraestrutura do bairro: as ruas, com escasso asfalto, mostram as dificuldades de acesso e de deslocamento, e as casas, muitas vezes de tijolo aparente, revelam os limites econômicos da comunidade, que enfrenta o fornecimento precário de água, energia e transporte público. A falta de saneamento básico, por sua vez, representa um dos maiores desafios, tornando o acesso à saúde um problema constante e afetando a qualidade de vida.

Apesar dos desafios, a força comunitária que sustenta o Parque das Tribos faz desse bairro um símbolo de luta indígena contemporânea na Amazônia. A vida cotidiana ali reflete a intersecção entre a tradição indígena e a realidade urbana, onde a ausência de infraestrutura básica reforça o esforço constante da comunidade em buscar melhorias e em defender o direito a uma vida digna,

pautada no respeito às suas especificidades culturais e na garantia de acesso a serviços essenciais.

Com este objetivo, dialogamos com a Cacica Lutana Ribeiro, quando a informamos sobre a Comunidade do Quilombo e as dificuldades encontradas em manter a tradição do festejo. Na busca de sensibilizar a Cacica Lutana, iniciou-se um contato de várias conversas, pois a cada encontro contava-se a história da comunidade quilombola em Manaus, sua origem e permanência no Estado do Amazonas, além do racismo que seus membros vivenciaram, e as consequências dessa estrutura sistêmica até os dias de hoje.

A resposta da Cacica foi positiva. Ela nos pediu que informássemos a Comunidade do Quilombo, e que poderiam realizar a retirada da árvore no território indígena do Parque das Tribos, localizado no Bairro do Tarumã - Açu, na cidade de Manaus. Os quilombolas receberam a notícia com alegria e alento. Posteriormente, organizou-se uma comitiva de alguns familiares do Quilombo que partiram em direção ao encontro do Território Indígena. Houve um fraterno encontro entre o Quilombo de São Benedito e a Comunidade Indígena do Parque das Tribos.

A Cacica Lutana e seus parentes receberam a Comunidade do Quilombo com muita alegria, em seguida tiveram a oportunidade de se apresentarem uns aos outros, conversaram sobre as dificuldades que ambas as comunidades enfrentam e desfrutaram de um café da manhã partilhado, proporcionado pelos agentes sociais do Quilombo do Barranco.

Antes de adentrar a mata, realizaram uma roda de conversa com a partilha de agradecimentos pela colaboração da liderança indígena, na pessoa da Cacica Lutana, sobre o quanto era significativo manter a tradição do mastro. A Cacica agradeceu e ressaltou que independentemente das crenças religiosas, seja a fé em Tupã, Deus ou no Santo Padroeiro, o importante é a fé nos mover. E de mãos dadas, todos fizeram coletivamente a oração do Pai Nossa.

Em seguida, saíram como procissão em direção à mata. Chegando ao local, o mateiro escolheu a árvore e fez a retirada dela com ajuda dos familiares do Quilombo. Um trabalho árduo, sendo a mata cheia de cipó, formigas e outros insetos, ou seja, habitada por seus animais e vegetação típica da região. Posteriormente à retirada da árvore, acenderam as velas, manifestando os agradecimentos e as expressões de sincretismo presente por mais um ano em que se mantém viva a retirada e derrubada do mastro votivo. Sobre a questão de acenderem velas no tronco do que fica da árvore quando é cortada simboliza

uma tradição feita pelo quilombolas de São Benedito há mais de cem anos pois para os mais idosos e mais novas é uma maneira de agradecer aos invisíveis que tomam conta da mata pela permissão dada a eles por estarem retirando mastro que servirá para os festejos a São Benedito.

Cabe referir que, durante muito tempo, predominou a tese acadêmica a respeito da inexpressividade da presença dos negros na Amazônia, por assim dizer, a cultura, os saberes, os conhecimentos, as expressões identitárias e religiosidades praticados por negros e negras foram considerados inferiores e forâneas, isto é, não amazônicas, o que podemos denominar de racismo religioso. Deste modo, convém compreender que o racismo tem sua construção ideológica mantida politicamente.

Para falar a respeito das relações étnico-raciais necessitamos ainda sair das primícias de que o branco é um sujeito unilateral como diz o sociólogo Brasileiro Guerreiro Ramos, 1955, p. 34: “(...) é uma sociologia do negro, as pessoas não entendem como campo relacional”.

O autor Abdias do Nascimento (2016), em seu livro *O Genocídio do Negro Brasileiro*, comenta sobre o branqueamento cultural como uma das dimensões do genocídio da população negra no Brasil, um problema que ocorria já na década de 1970 do século passado, no contexto da ditadura militar. Nascimento (2016) atrela ao extermínio físico da população negra o embranquecimento cultural, o genocídio cultural e epistêmico, como a face oculta desse processo letal. Nesta perspectiva, Abdias reconhece a estreita e íntima relação entre a modernidade capitalista e a racionalidade do extermínio colonialista dos povos subalternizados.

A pesquisadora Bárbara Carine Pinheiro (2021), colaborando com a reflexão de Abdias do Nascimento, fala sobre os colonizadores, afirmando que eles se uniram e não somente recorrem às estratégias de genocídios epistêmicos (Nascimento, 2016) ou epistemicídio (Santos, 2010), mas principalmente sequestraram conhecimentos de povos africanos, ameríndios, asiáticos, incorporando-os no seu escopo cultural imaterial ocidental.

A questão de branquitude nos faz pautar um lugar racial de pessoas brancas, e não é de hoje que muitos pesquisadores negros(as) debatem sobre a questão étnico-racial e a academia deveria pautar – que fique enegrecido aqui que não estamos pautando e individualizando pessoas negras, mas sim que elas se vejam representadas em todos os espaços de poder, estando preparadas para ocupar os vários espaços. Sabemos que têm pessoas brancas de periferia e elas não gozam de privilégios objetivos, mas gozam de privilégios subjetivos.

Há hierarquias raciais estabelecidas e se queremos ter acesso aos espaços de decisões uma parte terá que perder e com certeza a parcela branca não estará pronta a perder esse lugar que ocupa na pirâmide social. Talvez, por isso, muitos professores negros(as) que vivem diariamente dentro da sala de aula e vivenciam o contexto de racismo não entendem a respeito do assunto e não sabem como agir, caso presenciem uma situação de racismo.

Sabemos que não será fácil intervir nessa situação, porque exigirá que eles estejam preparados com uma formação ética e política. E de que lado estaremos, porque o silenciamento também é uma linguagem discursiva, pois aprendemos a história a partir de uma única história, da perspectiva colonizadora.

Neste sentido, com vistas a operacionalidade do trabalho de campo, realizado dentro do território quilombola urbano por ser um lugar social onde interagem os membros da comunidade, pesquisadores e órgãos do Estado, desenvolvemos uma vigilância constante a respeito da “história verdadeira”, ou ressalvas com os “perigos de uma história única” (Adichie, 1997).

A lei 10. 639/2003, no campo da educação, obriga as escolas públicas e privadas do país a incorporarem a história dos africanos e dos afro-brasileiros e dos indígenas no currículo escolar, mas a lei não se sustenta por si. Vemos cultura como apenas manifestações artísticas sem querer considerar cultura como uma visão ampla de modo de vida.

O racismo mata, deprime e empobrece e nos anula como indivíduos e empobrece o universo cultural em todo país. O letramento racial surge com a ideia de que a partir do que o racismo construiu e produziu, desconstruir e criar situações que tragam os aportes da prática antirracista como posicionamentos que sejam discutidos e repensados, e todas as diferenças, e não na hierarquia.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 1983, p. 77).

Neste contexto, acompanhamos um caso de ampla repercussão em um programa de televisão aqui no Brasil em 2022, em que trouxe à tona o racismo estrutural, pois a convidada era uma empreendedora negra que fazia cocada para vender e ficou conhecida pelas cocadas, que era também sua fonte de

renda. Ela ficou no meio de pessoas brancas, tendo somente um apresentador negro ao seu lado. E quando foi apresentada por uma das apresentadoras brancas, foi chamada a ficar de pé enquanto os convidados brancos estavam sentados, a apresentadora trouxe as cocadas para a própria empreendedora negra, chamada Silene, a chamou e disse: “venha nos servir”, para que servisse para cada um dos convidados as suas cocadas¹.

O apresentador negro interveio, percebendo a violência racial. A síndrome de sinhá afeta muitas mulheres brancas, não é uma patologia segundo as várias manifestações ao vídeo que tomou uma grande proporção na *internet* e em várias páginas, tanto do *Facebook* como no *Instagram*. Essa vida de militante do apresentador negro cuja consciência racial o colocou no lugar de combate ao racismo, que como diria FANON (2008), manifesta-se em qualquer lugar do mundo e se expressa de forma perversa e funciona como mecanismo de exclusão social dos negros.

Nós, negros, estamos constantemente na tensão de estar disposto a nos mobilizar contra o racismo que nos envolve e se apresenta na estrutura social, o que diferencia é a forma em que se manifesta. Deste modo, ser antirracista é questionar também os estereótipos que nos dão, e tentar entender os vários questionamentos sobre os argumentos que dizem que negros e indígenas são preguiçosos, questionar quando dizem que pessoas negras não podem ocupar determinados espaços.

Por isso precisamos conhecer a história das literaturas negras. Quantas pessoas negras eu ouço na música? Quantas pessoas negras eu compartilho? Quantas pessoas fazem parte do meu grupo de pesquisa? O que essas pessoas negras estudam, é só sobre o racismo? Tem-se o hábito de chamar as pessoas negras para falarem somente no mês da Consciência Negra. Precisamos ter consciência de que eles também têm capacidade para debater outros assuntos.

No tópico subsequente, apresentaremos a festa em devoção a São Benedito, realizada secularmente na comunidade quilombola urbana, territorializada na cidade de Manaus.

¹ Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2022/06/15025466-racismo-no-e-de-casa-entenda-polemica-envolvendo-talitha-morete-e-vendedora-de-cocadas-video.html>. Segundo Silvio de Almeida (2019), o Racismo Estrutural não exclui os sujeitos racializados, mas os concebe como parte integrante e ativa de um sistema que, ao mesmo tempo que torna possíveis suas ações, é por eles criado e recriado a todo momento.

**A FESTA DE 133 ANOS EM DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO NA COMUNIDADE DO BARRANCO EM
MANAUS-AM**

O Quilombo Urbano de São Benedito está inserido na área urbana da cidade de Manaus, Estado do Amazonas, no bairro da Praça XIV de Janeiro, Rua Av. Japurá, e que está em dois quarteirões, ficando entre as ruas Visconde de Porto Alegre e Av. Tarumã, Nhamundá e Duque de Caxias, próximo à Igreja Nossa Senhora de Fátima, Cachoeirinha e Centro da cidade. A comunidade do quilombo urbano do Barranco de São Benedito é rodeada por escolas estaduais e municipais sendo elas: Escola Estadual Placido Serrano, Escola Estadual Luizinha Nascimento, Escola Estadual Santa Luzia, EMEI Loris Cordovil e Escola Estadual Primeiro de Maio.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE¹ – organizou o censo oficial em 2022, sendo o primeiro Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, organizou o censo oficial em 2022, sendo a primeira vez em que as comunidades quilombolas foram mapeadas em um censo oficial no país, o IBGE, trouxe como resultado o quantitativo de 1,3 milhão de quilombolas, em 1.696 municípios. Na Amazônia legal, por exemplo, o censo encontrou 426.449, pessoas quilombolas, o que representa 1,6 da população desta região e quase um terço (32,1%) dos quilombolas do país. No Estado do Amazonas, a população quilombola representa o quantitativo aproximado de 2.705 pessoas. Muito embora, devamos realizar uma leitura crítica dos dados apresentados oficialmente pelo IBGE, em primeiro lugar, sobre a metodologia utilizada, mas também em relação a possibilidade destes números estarem subnotificados, conforme já fora questionado pelas lideranças das comunidades quilombolas presentes historicamente no Amazonas.

Muito embora, devamos realizar uma leitura crítica dos dados apresentados oficialmente pelo IBGE, em primeiro lugar, sobre a metodologia utilizada, mas também em relação a possibilidade destes números estarem subnotificados, conforme já fora questionado pelas lideranças das comunidades quilombolas presentes historicamente no Amazonas.

Promover festividades é um antigo costume na Praça 14, pois, além da devoção a São Benedito, existem festas em honra a Nossa Senhora de Fátima, São Cristóvão, São José e Santa Terezinha. Além de, no mesmo bairro,

¹ Disponível em: <http://agenciadenoticias.ibge.gov>. Acesso em: 14 jan. 2024.

coexistierem outras manifestações religiosas, como o “tambor de crioula”, e “batuque”.

Para Sérgio Ferretti (2002):

O Tambor de Crioula é uma atividade ritual, praticada por determinada camada social, como divertimento e pagamento de promessas. Sua pesquisa permite verificar uma expressão de resistência cultural dos negros e seus descendentes, no Maranhão, que até o presente ainda não foi devidamente analisada pelos estudiosos (Ferretti, 2002, p. 15-16).

O Tambor de Crioula é um elemento da cultura popular maranhense, com forte expressão que começou a ser realizado pelos africanos e seus descendentes que chegaram ao Brasil. O que pode ser observado em São Luís, Alcântara, Rosário, Codó, e em outras regiões. Na Comunidade Quilombola do Barranco, em Manaus, foi apresentado em caráter religioso e, nas primeiras festas de São Benedito, tal representação simbólica é referendada nos festejos do mastro.

A prática do batuque é uma expressão e denominação genérica referente às manifestações afros, integrando instrumentos de percussão, dança, capoeira, luta, religiosidade dos povos tradicionais de terreiro, samba e batucada. Nessa perspectiva:

[...] outros sentidos latejavam dentro dos batuques. Para seus praticantes, podia ser uma fonte de recuperação das energias desgastadas depois das longas e pesadas jornadas de trabalho; podia ser uma maneira de desembaraçar os domingos e dias santos para realizar seus ritos religiosos, celebrar deuses e orixás; reis, reisados e santos protetores (Abreu, p. 21, 2014).

Neste diapasão, na Praça 14, havia diferentes práticas religiosas, assim, a memória dos agentes sociais relembrava a existência das rezadeiras, das visagens, e das-mães-de-santo, as quais realizavam os rituais de suas convicções de fé, convivendo sem quaisquer problemas na comunidade.

Na construção social da identidade coletiva apresentada nas narrativas dos entrevistados, e na memória quilombola da territorialidade específica da comunidade estão presentes os terreiros de cultos praticados no passado, como o batuque da mãe Efigênia, da mãe Marina, e o terreiro da mãe Clara; expressões religiosas que incorporavam os elementos de uma ancestralidade.

O antropólogo Eduardo Galvão em sua tese de doutoramento: “Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas”, analisou, do ponto de vista antropológico, as questões da diversidade religiosa e cultural presentes na região da Amazônia, onde constatou práticas do catolicismo popular, bem como

o culto aos santos. O trabalho de Eduardo Galvão é relevante, dada à pertinência com que o autor estudou a religiosidade daqueles moradores, por vezes, dominados pelas crenças nos seres sobrenaturais. Com isso, o pesquisador apresentou a composição étnica e os resultados do processo colonial na região a respeito da qual derivou um modelo cultural.

A devoção em São Benedito encontra espaço na vertente popular dos movimentos laicos espalhados pelo Brasil, com a construção de igrejas, capelas, realizações de festejos, procissões, e a fé no Santo Protetor dos humildes e dos negros, mas isto requer reflexões acadêmicas, acompanhadas de criticidade.

Os fatos históricos a partir de diferentes fontes constatam como as instituições eclesiásticas foram excludentes e preconceituosas, pois cometiam discriminações contra negros e indígenas, participavam dos serviços exploratórios assim como dos projetos coloniais de dominação cultural.

A propósito, nos últimos anos, participamos da sequência do rito festivo na comunidade, os agentes sociais constituem a comissão organizadora, os coordenadores são os quilombolas, as ações iniciam com meses de antecedência, e a festa começa oficialmente com o levantamento do mastro, no Sábado de Aleluia. A comissão organizadora, os devotos de São Benedito e os agentes sociais externos da comunidade, envolvem-se igualmente na programação que inicia no Domingo de Ramos, sendo uma prática festiva realizada anualmente ao longo dos anos na comunidade quilombola, em Manaus.

O ponto de encontro e saída foi a Rua Japurá, no domingo pela manhã, exatamente na localização do quilombo, na oportunidade foi servido um café da manhã, estando presentes os quilombolas, agentes sociais externos à comunidade, e pesquisadores de universidades. Ao participar das atividades da comunidade, fica perceptível a relação existente com a culinária, visto que a comida é uma expressão cultural do quilombo, e o café da manhã servido no dia da retirada do mastro; um costume mantido ao longo dos anos, de acordo com a memória dos agentes sociais.

A partir do ponto de vista simbólico, tem como elemento comum a devoção em São Benedito. O Santo foi um religioso exemplar, por ter primado pela devoção, pela humildade, e pela obediência à hierarquia religiosa, na irmandade da Itália a qual exercia a função de cozinheiro. O momento festivo é celebrado com fogos de artifícios, com o soar de um sino, que recebe várias badaladas, ao iniciar e findar as atividades. O sino está próximo da capela onde

fica o altar com a imagem de São Benedito, a escultura é guardada com grande responsabilidade pelos agentes sociais.

A quilombola responsável por tocar o sino faleceu em 2017, a Sra. Edna Lago, (dona Guguta), quem a substituiu naquele ano foi a Sra. Inês Maria Vieira dos Santos, que recentemente agregou mais duas quilombolas (Fabiane Fonseca e June Fonseca). Antes da saída para a retirada do mastro, os participantes rezaram um *pai nosso* de mãos dadas e uma *ave Maria*, pedindo paz no decorrer do trajeto. São Benedito é o elemento aglutinador, produtor de identidades. Os devotos são quilombolas de São Benedito, possuem solidariedade com o Santo, e é a ele que os devotos recorrem em busca de socorro. A festa é a celebração do padroeiro glorioso, e milagroso dos quilombolas da Praça 14 de Janeiro.

Na comunidade do Barranco, o Santo que é negro e dos negros obteve imediata devoção, cuja história se relaciona com a dos agentes sociais predominantemente negros, estabelecidos em Manaus, mantendo vivo o festejo de São Benedito como um aspecto da cultura religiosa dos quilombolas. Na sala de uma residência situada na Rua Japurá, 1360, que pertence a uma família quilombola, está o altar com a imagem de São Benedito, com 52cm de altura. O Santo representa a estimada importância para os agentes sociais, sendo a estátua esculpida em madeira de “pau d'angola”.

Para isto vale apresentar a descrição básica da escultura de São Benedito: o santo segura um cesto de flores, tem na cabeça uma coroa. A imagem traz ainda um hábito; roupa típica dos religiosos franciscanos, portando um terço em uma de suas mãos. Faz-se necessário ainda considerar a negritude enquanto atributo da representação social deste Santo, sobretudo, na comunidade quilombola do Barranco, onde São Benedito é reconhecido e/ou legitimado pelas crenças dos religiosos como glorioso, milagroso e Padroeiro dos quilombolas.

Todavia, alguns questionamentos são feitos com relação à cor de São Benedito:

Parece incrível que se tenha de discutir sobre a cor de São Benedito. Mais escurinho ou menos escurinho, que importância tem? Mas o fato é que a discussão existe. Escritores antigos, principalmente franceses, para distinguir São Benedito de São Bento, que na língua deles tem o mesmo nome - *Benoît, le more*, isto é, Benedito, o Mouro. Argumentam, então, alguns que se São Benedito era mouro, não era negro, mas escuro. Mas o caso é que ninguém prova que Benedito fosse mouro. Os pais de São Benedito foram levados da África para a Sicília, [...]. Mas volumosa, porém, é a tradição que afirma, com Frei Diogo do Rosário, que “Benedito foi filho de pais mui tostados [...] e sua mãe uma preta

escrava". A iconografia, que estuda o modo como os santos são representados nas suas imagens através dos tempos, sempre apresentou São Benedito na cor negra (Souza, 1992, p. 9).

As narrativas da oralidade dos mais velhos da comunidade asseguram que a imagem de São Benedito presente na comunidade quilombola foi trazida de Portugal para o Maranhão por negros escravizados. E conforme tais relatos, do Maranhão para Manaus no final do século XIX por Felippe Beckmann. Os agentes sociais estabelecidos na cidade mantiveram a sua devoção em São Benedito anteriormente praticada em seu Estado de origem. Para realizar a festa é necessário retirar madeira para a confecção do mastro, representado por um tronco de árvore chamada envireira, que mede aproximadamente 12 metros, e mais ou menos 70 centímetros de diâmetro. Ele é extraído da mata pelos homens da comunidade, também acompanhados pelas mulheres e crianças moradoras do quilombo.

A retirada do mastro em 2023 aconteceu na comunidade indígena Parque das Tribos, localizada no bairro Tarumã, em Manaus. A árvore é cortada com um machado, sendo permitido aos homens e mulheres alternarem-se nas machadadas para derrubar o tronco. Nesse momento, os devotos fazem orações enquanto participam do corte da árvore e, na base do tronco após a derrubada da árvore, se acendem velas e se realizam preces. A retirada do mastro de madeira assim como o seu carregamento exige um grande esforço físico, portanto, necessariamente é uma atividade coletiva, o que nas palavras dos agentes sociais, significa que “nada se conquista sem luta”.

Ao pensarmos na questão das lutas, devemos lembrar que indígenas e negros tem a mesma luta em territórios diferentes, mas que em muitas ocasiões são iguais. Lutam pela terra e para manterem-se vivos e visibilizados. Visto que a sociedade branca eurocentrada ainda teima em invisibilizar os que eles falam de minoria e que é a maioria da população.

Ao retornar para o ponto de origem, assim como na saída foram realizadas orações em agradecimento a São Benedito pela proteção durante a viagem, novamente houve o toque do sino, o estourar de fogos de artifício. O mastro da madeira foi transportado em um caminhão, que, ao chegar a seu destino (o tronco descascado), ficará secando durante alguns dias em frente às casas dos quilombolas. Os agentes sociais ornamentam o mastro no Sábado de Aleluia: com folhas de samambaia e frutas regionais, como castanha, cupuaçu, ingá, banana, abacaxi, laranja, tangerina e abacate. E ao final da ornamentação é dado a volta em todo o mastro com uma fita vermelha que, para os

quilombolas, no momento que é realizada a volta ao redor do mastro são feitos também os pedidos de fartura e dinheiro, para não faltar o alimento em suas casas. Por tudo que representa, o ritual simboliza uma oferenda ao Santo e, no dia da realização do festejo, as frutas serão degustadas pelos participantes, cuja prática significa fartura para a vida dos devotos.

No cume do mastro é fixada a bandeira de São Benedito, acompanhada de uma garrafa de vinho. A sequência do rito é celebrada com fogos de artifícios e após o levantamento do mastro iniciam-se nove noites de orações; um período de novenas e de fé no Santo Protetor. Esta liturgia inclui a Ladinha de Nossa Senhora, *Agnus Dei*, Canto Número Cinco e Oração, sendo parte da programação rezada e cantada em latim.

Na primeira noite de Novena, são feitas orações pelos quilombolas doentes; nos dias posteriores é mantida a mesma liturgia cuja prática tem a participação dos quilombolas, dos devotos e das crianças. Todos acompanham os cânticos, assim como ex-moradores da localidade, que residem em outros bairros e que retornam à comunidade quilombola por ocasião do festejo. As novenas são conduzidas por uma das coordenadoras da festa, a Sra. Jamily Souza da Silva, que é a responsável atualmente pelo santo Benedito, que inicia e finaliza o ato religioso. A liturgia contém rezas, músicas; a programação termina com a frase: “Viva São Benedito”. Os presentes repetem isso três vezes. Após o encerramento de cada novena é servido um lanche, que, segundo a tradição da comunidade, é doado por algum participante do evento.

Por ocasião da festa, é confeccionado um manto novo para a imagem de São Benedito, que é trocado por outro no dia do levantamento do mastro, e depois é trocado por um outro manto feito exclusivamente para o dia da festa. O qual é trocado por alguém que normalmente faz seus pedidos ou que é agraciado por pedidos feitos ao santo protetor do território Quilombola de São Benedito.

No dia da procissão do santo Benedito, tivemos a presença da Cacica Lutana, ocasião em que ela viu como era ornamentado o andor para o santo. Ela foi recebida com muita alegria pela comunidade. O rito ao Santo continua com a imagem carregada no andor, enfeitado com flores especialmente para a procissão, que tem como ponto de saída a comunidade quilombola com destino ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Antes da saída da procissão, na Avenida Japurá, a comunidade quilombola segue com o toque do sino e os fogos de artifícios fazem parte da programação. Trata-se de um momento de fé e emoção, envolvendo os participantes, alguns acompanhando o trajeto descalços. O hino a Bendito de São Benedito é entoado, conforme o refrão a seguir:

Glorioso São Benedito Servo de Deus
Destinado
Que fielmente adorastes
A Jesus Crucificado²

² Trecho do hino religioso Bendito de São Benedito.

Nos últimos anos houve a retomada do acompanhamento por uma banda de música, formada por instrumentos de percussão e de sopro. No artigo intitulado São Benedito versus Nossa Senhora de Fátima: conflitos religiosos no bairro Praça 14 de Janeiro em Manaus – AM, os autores (Rosa e Silva, 2024) consideram que:

Nos últimos anos, mesmo após a Igreja Católica Nossa Senhora de Fátima autorizar a missa festiva em honra a São Benedito e permitir que a procissão organizada pelos quilombolas da comunidade do Barranco adentre o Santuário de Fátima, observa-se poucas referências a São Benedito por parte dos padres, além de a imagem de São Benedito parecer não ter sido bem aceita pelos membros da igreja (Rosa e Silva, 2024, p. 85).

No entanto, por ocasião da missa festiva, os devotos foram recepcionados pelo pároco da igreja Pe. Helton Luiz Wachholz de Souza. Cumprindo o percurso religioso, à noite acontece uma missa festiva em homenagem ao Santo Padroeiro, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Na liturgia da missa, os fiéis cantaram o hino Bendito de São Benedito, na homilia, instante em que o Padre mencionou a importância das virtudes do Santo Benedito para ajudar a unir a comunidade, com a ressalva de que o Santo deve ser considerado como um exemplo, pelo testemunho de vida, de fé, e de servo de Deus, que, segundo o religioso, a igreja o reconheceu por seus atos e por isso o santificou. Logo após a celebração da missa, os devotos realizaram uma procissão de fé pelas ruas do bairro, que incluiu rezas e cânticos religiosos, acompanhado por um carro de som. No retorno à comunidade quilombola, foi rezada a última novena, onde também aconteceu a derrubada do mastro com frutas.

O momento é de entretenimento na festividade quando um desafio é lançado aos participantes antes da derrubada do mastro, os presentes têm a oportunidade de subir no mastro enfeitado, e quem conseguir subir até a ponta onde tem uma bandeira e uma garrafa de vinho recebe uma premiação.

Esses acontecimentos relatados resultam das relações de pesquisas vivenciadas no decorrer dos anos, quando tivemos a oportunidade de assistir e acompanhar as sequências do ceremoniais religiosos, desde a escolha do tronco da árvore na mata, o corte da árvore, o carregamento do tronco, a ornamentação do mastro, a participação efetiva ao longo da realização das novenas, bem como da procissão pelas ruas do bairro, somada à missa no Santuário Nossa Senhora de Fátima, até o derrubamento do mastro com frutas na comunidade quilombola.

O padre responsável pela recepção dos quilombolas na igreja de Fátima no dia da missa foi o Padre Helton Luiz Wachholz de Souza. O sermão proferido por ele ressaltou a perseverança e a fé de São Benedito, filho de negros Etiópes, mas que nasceu na Itália, e certamente teria enfrentado o preconceito racial. Vale destacar a procissão realizada pelas principais ruas da Praça 14 de Janeiro após o término da missa de domingo, acompanhada de uma banda musical, que contou com a presença de Pe. Helton durante o percurso da procissão. Porém, a direção da liturgia da última novena foi conduzida pelos próprios quilombolas. Nessa experiência vivenciada junto aos agentes sociais, pude perceber que uma de suas constantes preocupações é com a construção da capela para abrigar a imagem de São Benedito, pois, em anos anteriores, a imagem era levada de casa em casa. Todavia, nos últimos anos, a imagem ficava sob a responsabilidade de um guardião, porém, em virtude do seu falecimento, hoje é guardada na sala da casa de uma das famílias quilombolas que mora em frente à residência da Sra. Jamily Souza da Silva.

Disso resultou quando do chamado “arranca-toco”, que integra o ceremonial simbólico de encerramento da festa, momento em que o mastro é retirado do solo e destruído, ao final acontece uma novena. A cerimônia do “arranca-toco”, realiza-se no final do mês de maio, na residência onde está o altar com a imagem de São Benedito. A liturgia da novena como é tradição no encerramento do ciclo dos festejos incluiu os cânticos e rezas em português e latim, relembrou-se também a data do nascimento da “tia Lourdinha” e o falecimento da Dona Jacimar Souza. Na oportunidade, uma das coordenadoras da festa, Jamily Souza da Silva, fez pedidos de orações em prol da saúde de pessoas doentes da comunidade, assim como relatou sobre curas e graças recebidas por devotos de São Benedito, ao final do ato religioso, serviu-se um lanche aos presentes na novena.

CONSIDERAÇÕES

Tendo em vista os aspectos empriricamente observados, compreender o festejo religioso de São Benedito, em sua ordem originária, é essencial para elaboração de representatividade, autoafirmação, bem como o fortalecimento da vida comunitária, além de registrar a união de povo Kokama e dos quilombolas da comunidade do Barranco, no território da Amazônia.

O festejo traz em si experiências que são vivenciadas pelos quilombolas há 133 anos. O mastro especificamente reforça a ancestralidade, pois apresenta uma dinâmica que se inicia com reuniões para elaboração da programação da festa religiosa, social, preparação para retirada do tronco da árvore que será erguido, o fornecimento de lanche, tudo isso são facetas da vida comunitária e autoafirmação quilombola na área urbana da cidade de Manaus.

A festa de São Benedito, em especial a do ano de 2023, apresenta toda essa estrutura, que envolve uma série de trabalhos, e em particular destaca a união de duas comunidades tradicionais da Amazônia, o Quilombo de São Benedito e a Comunidade do Parque das Tribos, através de sua liderança comunitária, Cacica Lutana, da etnia Kokama, na contribuição do mastro dos festejos de 2023 de São Benedito. Dessa forma, tal união possibilitou o protagonismo e a resistência ao processo de branqueamento cultural. Pode-se afirmar que essa parceria, além de resguardar a tradição do festejo transformou as relações e tradições dessas comunidades, uma vez que se constituíram verdadeiros laços que reforçam uma aliança de confiança entre as famílias e a Cacica Lutana Kokama, reforçando a coletividade e a necessidade da vida comunitária nesses espaços.

Observamos que a busca da realização e legitimidade do festejo de São Benedito faz parte de um processo de ressignificação e permanência dos quilombolas no Amazonas, encontrando motivos para continuar a resistir com sua ancestralidade ao dialogar com a cultura indígena. Visto que ambas as comunidades têm em comum, na atualidade, a invisibilidade de suas tradições ancestrais e o problema estrutural do racismo.

Estudos científicos apontam que momentos como este, da união de negros e indígenas, já ocorreram. Destaca-se que a comunidade quilombola, em específico o Quilombo dos Palmares, acolheu não apenas negros fugitivos, mas foi composta por brancos e indígenas (Lindoso, 2007).

Portanto, este fato ocorrido em pleno território Amazônico apresenta elementos históricos de riqueza inigualável e de grande relevância para promover discussões numa perspectiva de produção de conhecimento, enfatizando a diversidade racial, demonstrando as relações sociais com os seus diferentes agentes constitutivos, em uma sociedade contemporânea, que busca a (re)construção de uma identidade cultural mais conectada à história dos seus povos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, FREDE. **O BATUQUE. A LUTA BRABA.** SALVADOR: INSTITUTO FREDE ABREU, 2014.
- ALMEIDA, ALFREDO WAGNER BERNO DE. (COORD.). **COMUNIDADE NEGRA DE SÃO BENEDITO DA PRAÇA 14 DE JANEIRO.** (SÉRIE MOVIMENTOS SOCIAIS E CONFLITOS NAS CIDADES DA AMAZÔNIA). FASCÍCULO 16. MANAUS, 2007.
- ADICHIE, CHIMAMANDA. **OS PERIGOS DE UMA HISTÓRIA ÚNICA**, 1977.
- FERRETTI, SÉRGIO. **TAMBOR DE CRIOLA: RITUAL E ESPETÁCULO.** SÃO LUÍS: COMISSÃO MARANHENSE, 2002.
- GALVÃO, EDUARDO. **SANTOS E VISAGENS: UM ESTUDO DA VIDA RELIGIOSA DE ITÁ, AMAZONAS.** SÃO PAULO: COMPANHIA EDITORA NACIONAL, 1955.
- LINDOSO, D. **O PODER QUILOMBOLA: A COMUNIDADE MOCAMBEIRA E A ORGANIZAÇÃO SOCIAL QUILOMBOLA.** MACEIÓ: EDUFAL, 2007.
- NASCIMENTO, ABDIAS. **O GENOCÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO: PROCESSO DE UM RACISMO MASCARADO.** EDITORA PERSPECTIVA AS, 2016.
- ROSA, VINÍCIUS ALVES DA. **A COMUNIDADE DO BARRANCO DE SÃO BENEDITO EM MANAUS: PROCESSOS PARA O RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA.** DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, 2018.
- SILVA, JAMILY SOUZA DA. **A FESTA DE SÃO BENEDITO NO BAIRRO DA PRAÇA 14.** IN: SAMPAIO, PATRÍCIA M. (ORGANIZADORA.). **O FIM DO SILENCIO – PRESENÇA NEGRA NA AMAZÔNIA.** BELÉM: AÇAÍ/CNPQ, 2011.
- SILVA, RAFAELA FONSECA DA; ROSA, VINICIUS ALVES DA. **FESTAS, RELIGIOSIDADES E AFRICANIDADES NO AMAZONAS: SABERES EM DIÁLOGO.** IN: JÚNIOR, JOSIVALDO BENTES LIMA, SILVA, ADAN RENÊ PEREIRA DA SILVA, TENÓRIO, ADRIANO MAGALHÃES (ORGANIZADORES). SÃO PAULO: DIALÉTICA EDITORA, 2024.